



**Daniel Nunes (membro da Direção do SPRC)**

## Intervenção na Conferência da INTERJOVEM – A Precariedade da Profissão Docente em Portugal

**Camaradas,**

Muito boa tarde, permitam-me que as minhas primeiras palavras sejam para congratular a INTERJOVEM por esta X conferencia.

Nesta sala, não somos apenas jovens que trabalham. Somos a espinha dorsal da luta pela justiça laboral, a força que incomoda e permanece como uma espinha atravessada na garganta daqueles que se recusam reconhecer o valor do nosso tempo e das nossas vidas. Não somos apenas trabalhadores, somos aqueles que são a barreira a um sistema, e não aceitam a ideia de que viver é produzir, e que lutam porque sabem que a sua vida tem valor.

Se olharmos para os jovens professores, vemos o reflexo desse sistema que nos prepara para a precariedade, para o conceito de professor descartável. Cerca de 20 mil professores em Portugal vivem em condições de precariedade laboral, saltando de

contrato em contrato, ano após ano ou mesmo mês após mês. Quantos de nós já fomos vítimas dessa realidade? Quantas vezes esperamos pela tão desejada estabilidade? Quantos milhares de quilómetros temos no nosso curriculum, em quantas casas vivemos e quantos quartos ocupámos? A precariedade docente não é apenas um número; é o desgaste físico, emocional e profissional que se reflete na qualidade do nosso trabalho.

Camaradas, a fatura desta política será entregue e não penaliza só o professor individualmente ou a sua família. Será uma fatura paga no futuro. Um futuro que está a ser minado por uma visão tecnocrática da educação, que prioriza a economia em vez do desenvolvimento humano. A qualidade da educação não é um conceito abstrato; ela vive nos corredores das escolas, nas mãos dos professores, nas suas horas de trabalho, na proximidade, no tempo despendido a cada aluno, no acompanhamento e na relação.

O governo acena com subsídio à deslocação, mas um professor de Coimbra a dar aulas em Lisboa poderá não receber esse subsídio enquanto o de Lisboa a dar aulas em Coimbra e exactamente à mesma distância pode ser contemplado.

acenam-nos com subsídio de apoio à renda, mas temos de ter um contrato de empréstimo noutra zona do país e um contrato de arrendamento noutra. Camaradas, os professores não querem subsídios, querem a dignidade das suas carreiras e a sua valorização.

E, quando a estabilidade chega? Chega com ela os salários insuficientes, sobrecarga de trabalho, distanciamento familiar, os cargos de gestão, a burocracia e falta de formação contínua. Quando reivindicamos melhores condições, não pedimos apenas para nós. Pedimos porque sabemos que a educação e a escola pública é o pilar do fim da exploração, da pobreza e da desigualdade.

O papel do SPRC e da FENPROF não tem sido apenas o de proteger os nossos direitos. Esse é o mínimo. O verdadeiro papel do sindicato é afirmar o nosso valor e o compromisso com a educação pública, gratuita e de qualidade para todos. Seja na luta pela recuperação do tempo de serviço, pela valorização da profissão ou pela

progressão na carreira, estamos presentes numa luta que não deixa ninguém para trás. Nas greves distritais de 2023, com adesões de mais de 90%, no acampamento em frente ao Ministério da Educação e Ciência, nas várias manifestações e concentrações com especial destaque para a que mobilizou mais mais de 150 mil professores, e em centenas de plenários realizados por toda a região e em tantas, tantas ações.

É por isso que estamos aqui: para afirmar que o futuro não nos será dado. Ele será conquistado através da luta coletiva. A batalha do Sindicato de Professores da Região Centro (SPRC) e da FENPROF tem sido um contributo a essa luta, que nunca foi apenas contra um governo, mas contra um sistema. Um sistema que tenta reduzir a educação a uma mera estatística: ensino como produto, aluno como cliente, professor como mão de obra e escola como empresa.

Os sindicatos não são apenas linhas de defesa. E a história do movimento sindical, particularmente o da CGTP-IN e da INTERJOVEM, mostra-nos que é na ação coletiva que reside a nossa força e o avanço. São a espinha que incomoda um sistema que não entende – ou não quer entender – que soluções temporárias na educação, são perdas irreversíveis em gerações futuras. A falta de professores nas escolas é um sintoma de um problema maior. A contratação de profissionais sem formação pedagógica adequada é uma resposta fácil, mas perigosa. Esta escolha compromete a qualidade do ensino e desvaloriza o papel essencial dos professores na sociedade.

O futuro da educação será decidido pelas crianças e jovens que estão a crescer hoje. Mas esse futuro só será possível com professores que vão além de oradores de conteúdos, professores que vão além das folhas de Excel que nos são impingidas. Precisamos de educadores que estimulem, desafiem e inspirem. Precisamos de um sistema que nos valorize, e não nos descarte.

Por isso, hoje, mais do que nunca, precisamos ter clareza sobre a nossa responsabilidade coletiva. A luta dos professores é a luta pela escola pública, pela justiça social e pela democracia e é isso que os assusta.

Viva a Interjovem